

Sarney nega 'implosão' do PDS

Do serviço local, sucursal e correspondentes

O senador José Sarney, presidente nacional do PDS, negou ontem, em São Paulo, de forma categórica, que o partido tivesse sofrido uma "implosão" com as sucessivas crises que irromperam no Mato Grosso do Sul, Pará, Paraíba e Pernambuco nos últimos tempos, culminando com as críticas de deputados estaduais paulistas ao governador Paulo Maluf pela sua demora na definição de um nome para disputar as eleições de 1982. No entanto, ele não conseguiu impedir que suas declarações colidissem com as de seu companheiro de viagem, o secretário-geral do PDS, deputado Prisco Viana. Enquanto ele negava que estivesse fazendo consultas sobre a reforma eleitoral aos diretórios

regionais em suas viagens pelo País, Prisco confirmava, depois da entrevista, que efetivamente está procedendo a sondagens sobre as modificações que o governo pretende promover para 1982.

Se o líder governista no Senado, Jarbas Passarinho, advertia os três prefeitos alacidistas nomeados para municípios considerados áreas de segurança nacional, deputados ligados a Alacid Nunes telegrafavam para o ministro Golbery negando que tivessem usado seu nome no processo de formação do PTB paraense. Já o ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel, admitiu em Brasília que o governo federal poderá romper com outros governadores além de Alacid, caso dissidentes não se disponham a seguir a orientação do presidente Figueiredo.

Senador admite divisão, mas acha tudo natural

Apesar de tudo, o senador José Sarney revelou-se um otimista durante sua visita a São Paulo. Para ele, a divisão provocada no PDS do Mato Grosso do Sul com a nomeação de Pedro Pedrossian para o governo, as rivalidades internas na Paraíba e Pernambuco, a violenta disputa política no Pará entre Jarbas Passarinho e Alacid Nunes e as queixas de muitos parlamentares contra a direção nacional e regional não configuram um processo de implosão do partido.

"São episódios naturais — explicou o senador. Todo partido tem divergências. Sendo democrático, ele possui grandes afirmações pessoais que desejam se colocar. Terrível seria se fôssemos monolíticos. Temos que conviver com esses problemas e as lideranças devem se compor."

Aproveitando a oportunidade, Sarney não deixou de lançar farpas contra a oposição. "Esses problemas não são exclusivos do PDS. As divisões são maiores na oposição." E, conciliador, concluiu: "Mas isso faz parte do processo de definição dos partidos".

As perdas sofridas pelo PDS nos últimos tempos, segundo ele, não significam um esvaziamento. Há também adesões e o partido vai continuar a crescer, "do mesmo jeito que está se fortalecendo em São Paulo".

Durante o discurso que pronunciou para os pedessistas paulistas, Sarney afirmou que o partido tinha programa, estrutura e prestígio. Quando se encontrou com os repórteres para uma entrevista, foi-lhe perguntado se o PDS também teria votos nas eleições de 1982. Tranquilo, o senador garantiu que sim. "Nós melhoramos depois de 1974. Somos o maior partido no Estado e no País". E citou números para provar suas afirmações.

Sarney negou ainda que a crise econômica fosse prejudicar o governo em 1982. "Não há conotação fatal entre crise econômica e derrota nas eleições — frisou. As dificuldades do Brasil não são nossas. São do mundo todo. Mas a situação econômica vai melhorar. A fase aguda já passou. O esforço do governo vai ajudar o PDS a disputar as eleições com vantagem".

Ele negaria ainda que o prefeito Reynaldo de Barros tivesse dito que o governo perdeu a confiança do povo. "Muitas camadas da população — admitiu — realmente não acreditam nas promessas e nos resultados. Mas nós acreditamos".

REFORMAS

O senador desmentiu que estivesse, nessas suas viagens, consultando os diretórios regionais sobre as anunciadas reformas eleitorais. No entanto, mal terminara a entrevista, o deputado Prisco Viana, secretário-geral do partido, confirmava que está procedendo a sondagens sobre o assunto.

Na entrevista, Sarney criticou duramente como "impatriótica e irrealista" a proposta feita pelo deputado Ulysses Guimarães para que as oposições não aceitassem coligações com o PDS nas eleições de 1982. Segundo ele, a lei permite isso "e o PMDB já fez coligações com o partido durante a escolha das Mesas das Assembleias agora". Para o senador, a tese de Ulysses representa "a volta do isolamento e

do bipartidarismo, a divisão entre o bom e o ruim, entre o certo e o errado". "O País — insistiu — quer o reencontro e não a confrontação."

Contudo, não quis comentar a possibilidade de um acordo do PDS paulista com o PTB de Jânio Quadros. "O ex-presidente — frisou — merece acatamento, mas é da oposição." E voltou a afirmar: "O PDS tem voto. Não participaremos do pessimismo da oposição. As medidas econômicas darão resultado. E o Brasil é viável".

Apesar do otimismo, Sarney se recusou a fazer previsões sobre o resultado das eleições de 82, garantindo apenas que o PDS as vencerá. "Citando o deputado Magalhães Pinto — comentou — em mineração e eleição, o resultado só se vê na apuração".

Durante o discurso que fez para os pedessistas, o senador afirmou diversas vezes que o PDS era o maior partido do Brasil. Na entrevista, um repórter comentou que o governador Francelino Pereira, quando presidente da Arena, dizia que ela era o maior partido político do Ocidente. "O PDS diminuiu?" — perguntou o jornalista.

"O Francelino — respondeu Sarney — dizia, realmente, isso. Mas eu sou mais modesto. O PDS é o maior partido político do Brasil".

O senador negou ainda que a reforma partidária tivesse sido uma criação do general Golbery do Couto e Silva. Para o presidente do PDS, a reforma foi uma necessidade da abertura política: "Em todo país democrático, o espaço político não pode ficar dividido apenas entre dois partidos".

Ao final, um toque de humor. Sarney revelou que, por causa de sua atividade no partido, ainda não teve tempo para frequentar o chá das 5 horas, na Academia Brasileira de Letras.

PASSARINHO

Quem também desmentiu a ocorrência de uma "implosão" do PDS foi o senador Jarbas Passarinho. "As crises que o partido enfrenta — disse — sugerem essa pergunta. Mas a desinteligência interna é típica. Tudo vai terminar bem". Interrogado sobre a influência da crise econômica nas eleições, respondeu: "Espero que, em 82, essa pergunta não tenha cabimento. Inflação alta é fator contra o governo".

PROGRAMA

Sarney, que chegou na noite de terça-feira a São Paulo, jantando com Maluf, voltou a visitá-lo ontem no Palácio dos Bandeirantes. Daí, seguiu para o diretório regional, onde falou para os pedessistas, deu entrevista, participou de almoço e recebeu políticos em audiências reservadas. O maior comparecimento foi de prefeitos e vereadores do Interior. Alguns deputados federais estiveram no diretório e no almoço. No entanto, a ausência mais notada foi a dos deputados estaduais que estão descontentes com a demora do governador Paulo Maluf em definir um nome para disputar a sucessão estadual. Maluf acha que ainda é cedo para isso, mas a bancada no Palácio 9 de Julho responde dizendo que, enquanto o partido não se define, o senador Franco Montoro, o ex-prefeito Olavo Setúbal e o ex-presidente Jânio Quadros estão ocupando todos os espaços diante do eleitorado.